

**PRÁTICAS E METODOLOGIAS: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ENSINO DE GEOGRAFIA EM UMA TURMA DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO DO C.E. PROF<sup>a</sup>. MARIA HELENA ROCHA, SÃO LUÍS/ MARANHÃO/ BRASIL**

Francisco Afonso Cavalcanti Júnior<sup>1</sup>  
Gedinar Alves Cabral<sup>2</sup>  
Ms. Ireceer Portela Figueiredo Santos<sup>3</sup>

**Resumo**

No Brasil por muitos anos o ensino de Geografia se mostrou tradicional, e apesar da evolução de ferramentas educacionais e de tecnologias na área do ensino nas últimas décadas, ainda é notório que em muitas escolas, principalmente nas públicas, as práticas e metodologias que não estão adequadas às necessidades vigentes diante da globalização e do sistema. O C.E. Maria Helena Rocha é uma escola da rede pública estadual localizada na cidade de São Luís – MA. Este trabalho é fruto das atividades exercidas na referida escola com a turma 303 do 3º ano do ensino médio através do

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID em Geografia, e busca através dos fenômenos observar as práticas e metodologias de ensino visando criar alternativas para dar suporte ao ensino e a aprendizagem da Geografia. Durante os períodos de observação foi possível identificar que a metodologia se pauta na utilização do livro didático e à elaboração de resumos de textos do mesmo. De acordo com a professora falta, de alguma forma, motivação nos discentes, pois a turma não acompanha a contento o planejamento das aulas pela docente. A escola não dispõe de recursos necessários e isso inviabiliza, segundo a professora, o desenvolvimento de atividades diferentes, tendo como agravante a inexistência de equipamentos/recursos didáticos ou são de uso restrito.

**Palavras-chave:** Práticas e metodologias, Maria Helena Rocha, Ensino tradicional.

---

<sup>1</sup> Geografia/UFMA/Brasil; e-mail: afonso.jr1@hotmail.com

<sup>2</sup> Geógrafa/Professora de Geografia/Brasil; e-mail: gedinarcabral@hotmail.com

<sup>3</sup> DEGEO/UFMA/Brasil; e-mail: irecerpsf@yahoo.com.br

## **Introdução**

O ensino de Geografia vem, por muitos anos se mostrando repetido em metodologias ineficazes à aprendizagem de discentes das escolas públicas apesar da evolução de ferramentas educacionais e de tecnologias na área do ensino.

O ensino de Geografia no Estado do Maranhão tem sido, predominantemente, caracterizado pela reprodução do livro didático e pela efetivação de conceitos estabelecidos, deixando o aluno à margem do processo, não colabora com a construção de uma Geografia local, do cotidiano.

Trazer os conceitos científicos para o cotidiano dos alunos é fundamental para o processo de aprendizagem, sendo os meios difusores as práticas docentes e metodologias no ensino. Estes meios devem estar associados a planejamentos e inovação por parte do docente capaz de explorar a Geografia articulando os conteúdos à realidade dos discentes.

O presente artigo é resultado das primeiras observações das atividades exercidas através do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência), área de Geografia, em uma turma do 3º ano da escola CE Maria Helena Rocha, que atualmente funciona no horário noturno dentro das dependências do Colégio Universitário – COLUN, escola de aplicação da UFMA, buscando através dos fenômenos, observar as práticas e metodologias de ensino com intuito de oferecer alternativas para dar suporte ao ensino e a aprendizagem da Geografia. Essa escola pertence a rede estadual de ensino e atende alunos da região Itaqui-Bacanga em São Luís, entorno da universidade. Estes alunos, em sua maioria trabalham durante o dia e/ou são pais e mães de família que, por algum motivo, tiveram os seus estudos interrompidos.

## **Resultados e discussões**

Os procedimentos metodológicos escolhidos para serem adotados foram: a observação e descrição, bem como conversas com a professora da disciplina. As observações foram feitas durante as aulas, no período de junho de 2010 a janeiro de 2011, e os pontos mais observados foram: a relação professor-aluno e vice-versa, domínio de conteúdo, planejamento das aulas, metodologias, utilização de recursos, e pontualidade.

As primeiras observações desta etapa do Programa mostraram que na turma observada existiam 38 alunos matriculados, no entanto apenas 14 a 17 alunos compareciam às aulas. Isso comprometia o desenvolvimento do trabalho da docente, pois nem sempre os discentes que estavam na aula anterior eram os mesmos que se faziam presentes na aula subsequente, com isso a docente tinha que praticamente repetir o conteúdo que já havia sido ministrado, ou seja, ministrar duas vezes a mesma aula, dificultando o replanejamento, o direcionamento eficaz. De acordo com a docente, essa turma era a que menos acompanhava o ritmo de aprendizagem, entre os 3º anos em relação aos conteúdos da disciplina Geografia. Dessa forma, a professora precisou constantemente fazer adaptações do conteúdo levando em consideração os alunos faltantes. Veiga (1989, p. 105) colabora com sua experiência evidenciando que:

... Convém ressaltar ainda que os conteúdos a serem transmitidos, por não se constituírem em assuntos isolados e independentes, requerem por parte do professor um trabalho de organização e sistematização. Verifica-se, então, que a decisão sobre que conteúdos transmitir não se limita a reproduzir itens constantes do programa de ensino ou de propostas curriculares. O professor tem que conhecer o porquê da escolha de determinado conteúdo e quais suas implicações para o aprendizado do aluno.

Torna-se difícil para a docente sistematizar e organizar as aulas e conteúdos uma vez que a inconstância dos discentes dificulta esse trabalho, levando a um ciclo em que muitas vezes, provoca um retardo na apresentação dos conteúdos tornando difícil alcançar os objetivos e necessitando de replanejamento constante. Nessa realidade, o desenvolvimento das atividades na sala de aula pode levar qualquer docente ao desinteresse profissional visto o processo ser difícil e lento sobre as apresentações dos resultados esperados, mas não é o que acontece, ou não é percebido, no comportamento da docente da turma observada, pois o ânimo dela é sempre o mesmo e perspicaz.

Mesmo tentando contornar as dificuldades do ensino a constante falta dos alunos prejudica de alguma forma, o desenvolvimento eficaz das atividades na sala de aula. Para a docente, o risco de desmotivar, em algum momento, diante da realidade vivida se faz devido a inconstância de alguns alunos, a falta de respeito e compromisso com o

trabalho dela e a falta de tempo, frente as atividades escolares, pois a mesma leciona em outra escola, expondo que é a mesma realidade dos demais docentes.

Todos estes fatores afetam diretamente as práticas e metodologias assim como a aprendizagem em sala de aula. A docente revela que os docentes de um modo geral não são valorizados e também não vêem reconhecidos os seus esforços para a construção de um novo ensinar. Passini et al (2007) diz que além das salas-ambientes e das disposições alternativas das carteiras, outro problema para uso de novas formas de trabalhar as aulas é a saturação da carga horária de trabalho dos professores e a elevada quantidade de alunos por sala. Na turma em questão essa realidade é um pouco diferente, pois possui boa estrutura física com salas arejadas e carteiras ergonômicas e possui poucos discentes. Neste caso seria o fator volume de carga horária, por parte da docente, um dos principais motivos que dificultam um melhor acompanhamento e organização de metodologias, associadas a outros fatores pertinentes no âmbito escolar.

De acordo com as observações feitas, foi constatado que a docente não estava satisfeita com o andamento das atividades da turma, tendo em vista que a mesma desenvolveu atividades extra-classe com alunos de outras turmas da mesma série no Laboratório de Geoprocessamento do curso de Geografia da Universidade Federal do Maranhão, porém evidenciou que não iria realizar o mesmo com a turma que aqui estava sendo observada. Para Passini (2007, p. 80):

... as atitudes de alguns alunos em aula ou nos ambientes escolares, a percepção é de que são meros passageiros do espaço escolar, onde comparecem para encontrar amigos namoradas, ouvir novidades e acidentalmente conhecer suas notas de provas que, muitas vezes, sequer se lembram de terem feito.

É nesse ritmo citado por Passini (2007) que os alunos da referida turma se mostram em relação à escola. Há uma presença maior deles em épocas de provas e trabalhos, sendo que alguns passam o período da aula apenas conversando ou ouvindo músicas utilizando fone de ouvido. Percebe-se que há uma desmotivação por parte dos discentes e um esforço extra por parte da docente. Isso pode ser notado no posicionamento de ambos na sala de aula onde a docente ministra/anota a aula do dia e os discentes reproduzem e/ou fazem os resumos dos conteúdos do livro didático (que

são freqüentes) apenas para obter a nota. A relação entre ambos é notadamente respeitosa.

Faz-se necessário superar as barreiras que distanciam ambas as relações, entendendo que mesmo sem recursos didáticos fornecidos pela escola o docente deve buscar envolver os alunos, com os instrumentos que dispõe, e usar da criatividade para desenvolver aulas mais convidativas que estimule estes a reconhecer no seu cotidiano a ação dos conteúdos ministrados, bem como a importância destes esperando aproximá-los da realidade que se vive.

Como educadores, podemos estimular, motivar, convencer os nossos educandos de que aprender é tão necessário quanto nutrir-se. No momento em que isso se tornar um hábito, a cada dia existirá a expectativa de descobrir e de se sentir renovado com o novo, tarefa difícil que deve ser revigorada freqüentemente por todos os educadores (PUNTEL, In: REGO et al, 2007, p. 89).

Em contrapartida é difícil revigorar os discentes e ao mesmo tempo nutrir-se diante de tamanha carga horária com a qual se trabalha, mas ainda assim os primeiros passos devem ser dados, mesmo que as dificuldades pareçam ser maiores, como é caso da turma observada. Buscar compreender o que leva tais discentes a se mostrarem, muitas vezes apáticos às aulas, significa revelar que se importa com ele buscando entender o seu círculo social, familiar e pessoal, poderá ajudar na busca por práticas e metodologias mais eficazes.

### **Considerações finais**

Durante os períodos de observações foi possível identificar que a metodologia se estruturou com a constância da construção de resumos e textos em função do livro didático. De acordo com a docente são muitos os fatores que constroem essa realidade, pois a turma 303 é muito dispersa, além da justificativa da falta de tempo para planejar e replanejar aulas mais convidativas, capazes de melhorar as relações na sala de aula.

Os resultados dessa relação na sala de aula vão além do que se pode observar e tratar burocraticamente com recursos, metodologias e pesquisas para melhorar as intervenções. Podem se revelar em comunicações extra-verbais, como em um momento atípico de desentendimento entre a docente e dois discentes, causando desconforto entre todos que ali estavam presentes. Além da necessidade corriqueira de incentivo à aprendizagem é preciso impor limites e respeito, numa estrutura hierárquica. Estas situações podem se agravar e levar para uma desmotivação da docente em melhorar o seu trabalho e se dedicar mais e melhor a eles, pois apesar dela demonstrar um contínuo apreço a sua profissão também é susceptível a um não revigoramento.

Os discentes da turma 303 foram citados, entre conversas dos docentes como dotados de pouco potencial de aprendizagem, dando a impressão de que qualquer esforço para tentar melhorar as aulas é perda de tempo, e de alguma forma os alunos percebem isto de forma extra-verbal, podendo assumir uma postura de passividade.

Foi percebendo essa realidade que se propôs um projeto na área de Geografia junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência - PIBID consistindo na intervenção através de observações e instrumentação para serem utilizados no ensino de Geografia através das práticas e metodologias que sirvam para auxiliar no trabalho dos docentes para além dos conteúdos, mas que sirvam para a construção de relações sociais através da prática de sala de aula a partir da realidade local.

A proposta do programa tem dado suporte para a docente observada no sentido de deixá-la confortável diante de uma ajuda que já está sendo construída, levando-a a um novo ânimo, principalmente pelas ferramentas que este pode oferecê-la logo em breve. O fato de ser observada constantemente não é visto como um incômodo, pois não se pretende criticar, mas colaborar com uma educação melhor e segura.

## **Referências**

PASSINI, Elza Yashuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T.. **Práticas de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. Contexto: São Paulo, 2007.

**Práticas e metodologias: Considerações acerca do ensino de geografia em uma turma do 3º ano do ensino médio do C.E.**

Francisco Afonso Cavalcanti Júnior, Gedinar Alves Cabral, Irezer Portela Figueiredo Santos

---

PUNTEL, Geovane Aparecida. **Os mistérios de ensinar e aprender Geografia.** In:

REGO, Nelson et al. **Geografia: Práticas pedagógicas para o ensino médio.**

Aritmed: Porto Alegre, 2007.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de didática.** 10ª

Edição 2008. Papirus: Campinas, 1989.